

Educação de Nosso Movimento

FALAR de nossas concepções educativas é importante. De fora do movimento, muitas vezes, ouvimos pedidos de esclarecimento sobre pontos ou bases dela; e mesmo, pessoas menos bem informadas já nos atribuíram intenções e métodos que, não apenas não empregamos, como somos seus decididos adversários. Esta parte, por isto, visa informar e esclarecer sobre nossos princípios educativos.

Nossa posição perante problemas educativos, antes de mais nada, continua sendo de grande modéstia. Nem nos afirmamos como senhores da verdade, neste terreno, bem como desconfiamos mesmo de quem se afirme. Isto por duas razões. Uma, por tratar-se de questão profundamente ligada a algumas perguntas maiores sobre o homem, à respeito das quais é grande a obscuridade e incerteza reinante em nosso tempo, daí recomendar-se prudência com afirmações muito ousadas. Segundo, porque ao contrário de outros movimentos, mesmo o Dror de outros países, não nascemos como movimento educativo-scautico, mas como grupo politizado de jovens mais adultos, e apenas depois chegamos à educação, quando mais tarde constituímos camadas de jovens em idade de formação ainda.

Sempre achamos que este nosso processo de desenvolvimento, chegando à educação como uma conseqüência, como um dos instrumentos necessários para as finalidades políticas que o movimento visava, foi uma benção, e não uma infelicidade. Não procuramos nossos métodos no ar, mas voltamo-nos para os demais movimentos *chalutzianos*, com decênios de experiência educativa, já com concepções e metodologias desenvolvidas, e com os olhos de um grupo já mais maduro, procuramos aprender deles o que nos convinha e o que nos não convinha. Encontramo-nos ainda em fase de elaboração de metodologias e programas completos, se bem que tenhamos já clareza sobre princípios e fundamentos de nossa formação educativa.

ALVOS DE NOSSA EDUCAÇÃO

O QUE visa nossa educação?

Visa nossa educação três pontos: formação nacional, formação social, formação para o *kibutz*, e dentro disso tudo, educação do homem que carregue tais valores. Pois claro, educação não aspira simplesmente impregnar um educando de *conhecimentos* sociais e racionais, mas sim, criar *valores* sociais e nacionais no jovem, o que significa, ao mesmo tempo, o próprio desenvolvimento do homem que portará tais valores.

Procuramos fortalecer a ligação de nosso educando com o grupo nacional a que pertence, o povo judeu, conhecer sua história, suas características, sua situação sociológica, sua cultura. Isto nas duas fases do povo, a da Golá e a de Israel. Damos fundamental importância à última, porque é a ela que nosso educando se dirige. A nova cultura do país, suas canções e dansas, suas festas nacionais, sua língua; seus problemas sociais, econômicos; sua terra. Segundo, educação social, procuramos preparar nosso educando para sua futura condição de obreiro do *kibutz*, habituá-lo ao valor e à prática do trabalho profissional, mostrar-lhe seus interesses políticos, sua ligação ao socialismo, sua identificação com os demais trabalhadores e socialistas de todo mundo, seus partidos, suas lutas, sua história, o anseio comum de todos por um mundo diferente. Terceiro, prepará-lo para viver no *kibutz*, adaptar-se à nova organização de sua vida, ao coletivismo de bens, à ausência de lucro privado; esclarecê-lo sobre o valor do *kibutz* como síntese de nossos anseios nacionais e nossas aspirações sociais, como forma de vida mais avançada que existe hoje entre homens. E finalmente, procurar criar justamente o homem que carregue tal missão.

Porque carregá-la não é fácil, trata-se de coisas das quais parte são estranhas ao nosso jovem, parte êle possui apenas fracamente desenvolvidas; nosso caminho é uma carga pesada mesmo para um homem formado, quanto mais para um jovem. Há êle que preparar-se para uma profunda mudança geográfica, para um meio estranho, uma língua, um clima, inteiramente diversos; tem êle que abandonar sua vida relativamente fácil de filho-de-família burguês, e preparar-se para a vida de labor de um trabalhador do *kibutz*; queremos que sua vida, traçada em moldes individuais, adapte-se à existência no coletivo *kibutziano*, onde a propriedade é comum e o lucro indi-

vidual não existe. E exigimos que estas transformações tôdas êle não as atravesse como ente passivo ã duvidamos, aliás, que um ente passivo as atravesse — mas como homem ativo, criador de uma nova sociedade e uma nova cultura. E para isto, há que desenvolver um sistema educativo que ajude ao jovem, que influa em sua formação, que lhe dê os meios para enfrentar suas dúvidas e o auxilie no caminho do sionismo realizador.

Um mínimo de experiência com juventude ensina que todo jovem possui certa tendência para o dogma, a afirmação rápida. Quanto mais, então, um grupo, uma organização de jovens, dedicados à ação concreta, exigindo imensas transformações, em curto tempo, de seus membros. Houve movimentos que inclusive aproveitaram esta tendência juvenil como forma mais fácil e segura de atingir seus alvos. Nós deliberadamente escolhemos o caminho mais difícil, e isto por nenhum amor abstrato à dificuldade, mas por uma razão concreta: se acreditamos no *kibutz* como célula de uma sociedade nova, como forma de vida social mais avançada de nossos dias, é nossa profunda convicção que apenas um homem de mente aberta e vida íntima livre, capaz de examinar e duvidar, cujas certezas se afirmem sobre a convicção pessoal e não sobre o dogma embutido, apenas o homem assim é capaz de ser o portador e transmissor da grande verdade que sua forma de viver representa.

DA NOSSA METODOLOGIA

NA PRÁTICA, isso tudo se reflete em pontos de nossa metodologia. Assim, educamos nosso jovem para um mundo diferente, o mundo de Israel e do *kibutz*, mas achamos que nem por isto deve êle deixar de viver no mundo em que ainda se encontra, mesmo com uma posição crítica frente a êle. Daremos ao nosso companheiro jovem a mais larga educação judaica e israelí possível, sem criar com isso ambientes educativos artificiais, por exemplo, uma “Israel psicológica”, através de métodos e símbolos, nas atividades do movimento. Achamos que mundos criados psicológicamente afastam das realidades e empobrecem o jovem.

Muito ligado com êste problema, há logo outro: procuramos mostrar ao nosso companheiro jovem que, apesar dêle participar duma ação de vanguarda em relação ao povo judeu, não significa

isso pertencer a uma seita exclusivista de realizadores. Êle e o movimento estão orgânicamente ligados ao nosso povo, nossa coletividade e seus problemas; nosso movimento é um movimento aberto para a rua, o sionismo realizador é um movimento profundamente popular em sua essência. Do ponto de vista educativo, a falsa consciência de pertencer-se a uma casta aristocrática de chalutzim vanguardeiros, afasta o jovem do mundo em que vive, judaico ou não, e o empobrece e estreita.

Procuraremos proporcionar ao nosso jovem a base cultural a mais ampla, dentro de nossa concepção da vida, afim de que possua instrumentos para julgar as coisas que o cercam e escolher seu caminho. Evitaremos tocar, porém, em questões metafísicas, como a religião, por exemplo. Deverá nosso companheiro mais jovem possuir instrumentos de análise perante estas questões, mas elas em sí são seu pessoal problema. Tomaremos atitude sim, perante a organização religiosa, seu clero, seus instrumentos seculares, sua política.

Introduziremos nosso jovem nos problemas políticos do mundo em que vivemos. Dar-lhe-emos a formação ideológica teórica e o guiaremos na compreensão das tendências de esquerda de nosso mundo, e o orientaremos também sôbre a luta política em Israel. Isto tudo, porém, apenas numa idade em que possua já êle discernimento para apreciar e julgar tais problemas com sua própria inteligência. O companheiro mais velho deverá ser seu guia, mas nunca tomar seu lugar como homem pensante. A politização de noso educando será avessa ao estreitismo e à dogmatização.

Usaremos o simbolismo sério, como uma forma emotiva de sentir e ligar-se às coisas; achamos que todo povo, tôda classe, tôda nação possui seus símbolos. Êles, em geral, são um precioso auxiliar educativo, mas sempre um auxiliar apenas. Negamos seu abuso, seu emprêgo barato, seu uso como forma fácil de criar valores emotivos que nada possuem por dentro. O dogma para o raciocínio e o símbolo para a emoção, eis os dois entorpecentes espirituais que sempre empregaram todos os movimentos anti-democráticos ou anti-progressistas, fôssem êles religiosos, políticos, ou educativos.

Deverá nosso companheiro jovem ligar-se e seguir o caminho do movimento, por sentir que o ambiente humano, nacional, cultural e ideal encontrado nele é mais elevado e mais valioso que qualquer outro de fora. Considerar-nos-íamos derrotados como movimento de renovação humana, se o preço da ligação de nossos jovens ao mo-

vimento tivesse que ser seu estreitamento ou esterilização espiritual, devido ao abuso de métodos educativos inteligentes, mas artificiais ou inescrupulosos. E assim julgamos, não por nenhum amor abstrato ao homem, mas porque representa a mais profunda coerência com nossa orientação ideológica de movimento sionista-socialista realizador.